

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Amaral Netto, o Repórter – o Brasil na televisão, de 1968 a 1983.

KATIA KRAUSE*

Fidélis dos Santos Amaral Netto (1921-1995), conhecido na imprensa desde 1947 como Amaral Netto, trabalhou no *Correio da Noite*, *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *O Jornal*, *Gazeta de São Paulo*, *Tribuna da Imprensa*. Também dirigiu e editou a revista *Maquis*, de 1957 a 1962, que fazia oposição ao governo de Juscelino Kubitschek e depois a João Goulart. Em 1960, Amaral elegeu-se deputado pelo antigo estado da Guanabara, tendo sido um político atuante por cerca de 30 anos, pela UDN (1960-1966), pelo MDB (1966-1967), pela Arena (1967-1979), pelo PDS (1980-1993) e PPR (1993-1995).

Amaral foi dos primeiros a escrever textos para a televisão no Brasil, ao lado de Orígenes Lessa, segundo o *site* Memória Globo, a memória oficial da TV Globo (MEMÓRIA GLOBO, 2009). Em 1968, ele criou um programa no formato, então praticamente inédito em televisão, da reportagem-documentário. O programa estreou na TV Tupi, mas passou para a TV Globo ainda em dezembro daquele ano, sendo transmitido durante 15 anos, até 1983. O próprio Amaral fazia as reportagens e apresentava o programa. A direção geral e a montagem ficavam a cargo do diretor mexicano radicado no Brasil, Chucho Narvaez, que era também o principal repórter-cinematográfico.

A ideia do programa *Amaral Netto, o Repórter* era mostrar paisagens, costumes e tradições brasileiras desconhecidas pelo grande público. Com cerca de uma hora de duração, começou a ser exibido aos domingos à noite, sendo reexibido aos sábados pela manhã. Marcado por um forte tom de aventura, por imagens impactantes e pela exaltação patriótica e ufanista dos temas abordados, o espírito desbravador das reportagens era considerado importante, na opinião do próprio Amaral Netto, “para competir com os seriados norte-americanos e conquistar o público” (MEMÓRIA GLOBO, 2009). Ele abordava assuntos como a pesca da baleia no litoral do Rio Grande do Norte, as Cataratas de Foz do Iguaçu, ou as atividades dos pelotões de fronteira na selva amazônica. Sua proposta era mostrar os aspectos mais desconhecidos de um tema, mostrando paisagens então inéditas e/ou divulgando o trabalho do governo, no sentido da integração nacional, e de empresas brasileiras no desenvolvimento econômico do país.

Ele inovou as reportagens-pesquisas indo até o Xingu filmar como viviam os Xavantes e outras tribos. Foi o primeiro a mostrar por imagens em movimento aos brasileiros o fenômeno da pororoca. Também realizou reportagens internacionais, acompanhando a rotina de paraquedistas portugueses em Moçambique, a vida dos leões-marinhos no extremo sul da Argentina. Filmou tribos africanas. Mostrou Cafas, suposto local de origem do café na África, entrevistou Hailé Selassié, então imperador da Etiópia, entre muitos outros assuntos.

O programa parece ter sido inspirado e imaginado na esteira do fotojornalismo, uma das maiores transformações da imprensa, e que teve seu expoente no Brasil na revista *O Cruzeiro*, até final dos anos 1950, e a partir daí, na revista *Manchete*. De acordo com Silvana Louzada da Silva, é nesse fenômeno do fotojornalismo onde “pela primeira vez imagem e notícia se amalgamam, formando uma linguagem nova”, sendo que “nesta experiência vão estar assentadas todas as futuras relações da imagem com a notícia, em especial a televisão” (SILVA, 2004). Mas o programa também guarda alguma semelhança aos filmetes de Jean Manzon¹, financiados por órgãos do governo ou por grandes empresas, e exibidos obrigatoriamente em todos os cinemas brasileiros antes do filme principal, até o início dos anos 1980, sendo muitas vezes aplaudidos em cinemas lotados. Denise Assis lembra que, nesse período, muitos dos curtas de autores nacionais chegavam a ser vaiados nos cinemas por conta da precariedade técnica (falta de sincronização, som mambembe, péssima projeção). De acordo com a pesquisa de Assis, os filmes de Jean Manzon, “financiados pela Produtora Ipês”, contavam com dinheiro e técnicos de primeira qualidade. Guardando, ainda hoje, essa alta qualidade técnica, esse filmes encontravam facilmente exibidores de cinemas dispostos a mostrá-los (ASSIS, 2001). E um público disposto a aplaudi-los.

Numa época em que a grande maioria dos programas de televisão era feita em estúdios, Amaral inovou e mostrou, na TV, a natureza brasileira. Bem-sucedido, *Amaral Netto, o Repórter* tinha expressiva ressonância popular, como demonstram as medições do Instituto Brasileiro de

* Doutoranda em História Social no PPGH da Universidade Federal Fluminense – UFF, sob orientação da Prof^a Denise Rollemberg.

¹ O fotógrafo francês Jean Manzon chegou ao Brasil em 1940. Trabalhou no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo Vargas e atuou como fotojornalista destacado em *O Cruzeiro*, de Chateaubriand. Em 1952, abriu a *Jean Manzon Filmes S.A.*, onde produziu até a sua morte em 1990.

Opinião e Estatística - IBOPE². Parece, também, ter influenciado uma geração de cineastas dos futuros programas ecológicos e jornalísticos em televisão como *Globo Shell*(1971), *Globo Repórter*(1973) e *Globo Ecologia*(1990), também da TV Globo (ANDRADE, 1998; CAPOANO, 2006). E era elogiado pela crítica da época. Em 1969, o jornalista Artur da Távola, então da *Última Hora*, recomendava o programa que iria ao ar no domingo à noite, com reprises aos sábados, assim: “Em termos jornalísticos uma das mais importantes afirmações do que poderia ser a televisão brasileira, se feita por gente inteligente. Mas necessitam mudar a sonoplastia.”³ Ou ainda: “Hoje é reprise. Amanhã, às dez da noite, o programa semanal. Ambos são altamente recomendáveis. É o Brasil se conhecendo.”⁴ Ou empolgava-se como em: “Programa inteligente, provando que em televisão a força não está nos estúdios, está lá fora, na vida.”⁵

É bom lembrar que a televisão ainda transmitia em preto e branco as imagens de uma natureza brasileira desconhecida, e mesmo de peculiaridades de um Brasil desconhecido em muitos aspectos. O programa exibia a exuberante natureza do norte, do nordeste e do centro-oeste, pela primeira vez em imagens em movimento na televisão, para o público da região sudeste. Da mesma forma, trazia as manifestações culturais de pontos distantes. E divulgava inovações do empresariado brasileiro e as obras de infraestrutura do governo federal. Esses programas eram enviados para as retransmissoras da TV Globo em todo o Brasil, onde as havia. Tudo isso afinado com o projeto de integração nacional, num processo levado a cabo pelo regime militar, e que beneficiou a TV Globo.

A integração nacional, é preciso que se diga, não foi uma ideia gestada no governo militar. Pelo contrário, essa *integração* é perseguida desde a colonização com sentidos que variam no tempo. No século XX, a ideia de *preencher os vazios* do território nacional e de

² Fundo IBOPE, no Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP. Consultado de 16 a 19/10/2012.

OBS: O IBOPE foi fundado em 1942 com a finalidade de medir a audiência do rádio para atender aos anunciantes de produtos. A técnica de aferimento de audiência havia sido criada nos EUA e foi trazida por Auricélio Pentead, dono de uma rádio em São Paulo, que a fecha e cria o IBOPE. Quando a televisão chega ao Brasil, o IBOPE começa a medição na metodologia do flagrante (de porta em porta), que funcionou até 1986. (CÂMARA, 2001:102-123).

³ *Última Hora*, Seção Amanhã na TV, Artur da Távola: Amaral Neto, o Repórter – 22h, 12/07/1969.

⁴ *Última Hora*, Seção Hoje na TV, Artur da Távola: Amaral Neto, o Repórter – 13h, 19/07/1969 e 26/07/1969.

⁵ *Última Hora*, Seção Hoje na TV, Artur da Távola: Amaral Neto, o Repórter – 12h30min, 02/08/1969.

integrar os mercados perpassou governos de diferentes matizes⁶. Amaral Netto era também um apaixonado pelo tema da integração nacional, assunto recorrente nos seus programas. Mas é importante lembrar que isso acontecia num Brasil com enormes limitações técnicas e tecnológicas não só na televisão, mas mesmo de infraestrutura em inúmeros setores. Em muitos lugares do Brasil sequer havia acesso à energia elétrica. Ou aeroportos. A telefonia era um serviço ainda precário. Além disso, o raio de alcance dos canais de TV era restrito.

Foi no panorama de uma tecnologia precária, no complexo quadro político que antecedeu e sucedeu o golpe civil militar, que Roberto Marinho, então dono do jornal *O Globo* e da rádio *Globo*, conseguiu a concessão e preparou a instalação de sua TV Globo. E quando a TV Globo surge, alguns dos conceitos que faziam funcionar o veículo já estavam sedimentados no meio. Mesmo que classificados como “primários” por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, o que, de fato, parecem ter sido as amadorísticas produções de TV da época, se comparadas ao que se tornou a Globo a partir da década de 1970 (SILVA JUNIOR, 2001:46-47). Boni foi levado para a Globo por Walter Clark, outro alto executivo da empresa de 1967 a 1977. Juntos, e com a contribuição de outros profissionais, montaram o que passou a ser conhecido como o *padrão Globo de qualidade*. Seu objetivo inicial era a formação de uma rede nacional de televisão a partir do reforço do núcleo do Rio de Janeiro, o que, aliás, já tinham tentado propor a outras emissoras, sem sucesso. Boni já tinha, inclusive, colocado uma ideia similar em prática na TV Tupi, em 1966, o *Telecentro*, uma tentativa de programação única em rede nacional, que só durou um ano (SILVA JUNIOR, 2001:184-191). Para Joe Wallach, o executivo americano que representava o grupo estadunidense Time-Life⁷ durante os primeiros anos em que foi sócio no

⁶ Lembramos que Kubitschek já chegou a Brasília para a inauguração da cidade, em 1960, numa *Caravana da Integração Nacional*; uma viagem de contornos épicos que movimentou pessoas e veículos de fabricação nacional vindos em colunas dos quatro cantos do país, e que ainda é comemorada hoje. E que o formato do atual Ministério da Integração Nacional, como instituído em 1999, no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi mantido com algumas modificações também pelo governo de Luís Inácio da Silva e pelo governo atual de Dilma Roussef.

⁷ A Time-Life é um grupo multinacional estadunidense que adquiriu canais de TV também em países da América Latina na década de 1960. No Brasil, a legislação impunha restrições a proprietários estrangeiros de companhias de radiodifusão. Roberto Marinho buscou recursos financeiros e fez parceria com a Time-Life para montar a TV Globo, num acordo que previa que o dinheiro da Time-Life fosse empregado nos equipamentos, mas não na licença. Para isso a Time-Life ficaria com participação nos lucros, em troca também de “assistência técnica”. A Marinho caberia a direção do negócio e Joe Wallach foi o executivo incumbido dessa assessoria no Brasil. Em 1966, o acordo foi

empreendimento Globo, estava bastante claro o objetivo da emissora: “a televisão era mais para integrar do que para entreter”. Wallach continuou na emissora mesmo depois do rompimento do contrato Globo - Time-Life, considerado ilegal por uma CPI na Câmara dos Deputados, iniciada em 1966, por conta da denúncia de inconstitucionalidade da ‘assessoria técnica’ prestada pela Time-Life à Globo⁸.

Nessa emissora que ainda funcionava precariamente, numa grade de programação que se procurava consolidar, num canal de televisão que estava a caminho de se transformar em rede nacional, foi que o jornalista e deputado Amaral Netto viu, no final de 1968, uma oportunidade. Ele trazia um programa pronto para exibição, com patrocinadores próprios. Tudo o que precisava era de espaço e tempo. E de alguma forma, foi aceito na TV Globo. Pode ter se valido de uma rede de sociabilidades que incluía o próprio Roberto Marinho e jornalistas ou outros profissionais que transitavam pelos jornais e emissoras de radio e televisão onde Amaral também transitava. Ou da rede de sociabilidades construída no campo político. Pode ter sido trazido por Clark que disse “se penitencia” em sua autobiografia (CLARK; PRIOLLI, 1991:260). Ou pode ter negociado de alguma outra forma. O certo é que no programa de Amaral Netto não seria possível à TV Globo o controle dos intervalos comerciais, feito pelo próprio Amaral e sua produtora, a Plantel. Tampouco seria possível interferir no conteúdo, no formato, ou nas eventuais opiniões pessoais veiculadas no programa. Amaral parece ter tido uma autonomia que a dupla Clark e Boni não podia contornar. Boni conta ter recebido o assunto como fato consumado, apenas negociando o horário e recebendo o programa que era “uma produção independente, entregue pronto para exibição”⁹.

Mas é interessante perceber que, embora a trajetória de Amaral Netto e seu programa tenham sido marcados por expressivos índices de audiência e considerável ressonância popular, o

denunciado e foi instaurada uma CPI para averiguação. Em 1967, o consultor-geral do governo de Castelo Branco, Adroaldo Mesquita da Costa emitiu um parecer considerando que não havia uma sociedade entre as duas empresas (Cf. Memória Globo). Em 1969, o governo Costa e Silva volta a considerar ilegais os acordos e a emissora é nacionalizada, saldando as dívidas de nacionalização até 1975 (Cf. KEHL, 1986:183).

⁸ Entrevista de Wallach no documentário de Simon Hartog e John Ellis para a BBC, *Beyond Citizen Kane* (1993). Sobre a relação da TV Globo-Time-Life, ver: WALLACH, 2011; BIAL, 2004; HERZ, 1987; CARVALHO; KEHL; RIBEIRO, 1979-1980; MEMÓRIA GLOBO.

⁹ Depoimento de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, por e-mail, à autora, em 21/11/2012.

lugar de Amaral Netto no passado mítico e heroico da TV Globo quase não existe propriamente na construção de memória que dá conta desse passado. A bibliografia memorialística de autores como os antigos executivos Walter Clark e Paulo Cesar Ferreira o relega à condição de *imposto* pelo regime. Oliveira Sobrinho sequer o cita em seus livros. Cabe lembrar que na construção do mito de nascimento e de consolidação da TV Globo, - que como cabe ao tempo mítico, nas palavras de Le Goff, é um tempo de adversidades, de superação e de conquistas (LE GOFF, 2003) -, esses dois heróis, Clark e Boni, se estabeleceram como consensuais.

Tentativas de análise crítica na busca de uma reflexão sobre cultura na década de 1970, como as da série *Anos 70* compilada por Adauto Novaes, ainda em 1979, pela Funarte, e outras sobre televisão na década de 1980, também dão conta dessa imposição do programa pela extrema direita, com base nos depoimentos de Clark (CARVALHO; KEHL; RIBEIRO, 1979-1980; SIMÕES, COSTA; KEHL, 1986).

É bem verdade que no *site* Memória Globo, o programa *Amaral Netto, o Repórter* é elencado e descrito como um produto da emissora na área do jornalismo, pioneiro em muitos aspectos, merecedor de diversos destaques, embora marcado por uma “exaltação ufanista dos temas abordados, afinado com o ideal de “Brasil grande” (MEMÓRIA GLOBO, 2013). A memória oficial, portanto, não se detém nas minúcias e sutilezas relacionadas à produção independente, e à colocação e à manutenção do programa no ar. Importa ali a qualidade de um produto pioneiro e a descrição sucinta de seu conteúdo. O *site* registra, por exemplo, ter sido o programa “o primeiro programa fixo da TV Globo exibido em cores, em 1972” (MEMÓRIA GLOBO, 2013). É interessante perceber que nessa memória catalogada alfabeticamente, o lugar de Amaral Netto é assegurado pela sua própria natureza de programa jornalístico, pela sua antiguidade, e pela efetiva exibição na emissora. Para todos os efeitos, trata-se ali de um produto genuinamente ‘global’. E ali ele consta como um verbete que pode ser mais ou menos ampliado ao sabor das reformulações sempre voláteis que caracterizam a internet¹⁰, sendo o acesso direcionado pela intenção do pesquisador/buscador que eventualmente conheça Amaral ou o seu

¹⁰ O MEMÓRIA GLOBO altera o texto, corrigindo, inserindo ou retirando informações do verbete, como verificado em pelo menos duas ocasiões documentadas, agosto/2011 e agosto/2012.

programa. No caso do almanaque sobre televisão editado pelo Memória Globo, em forma de livro, ele aparece elencado como um “apaixonado pelo “Brasil Grande” e admirado pelos militares” que produzia documentários ufanistas, “mas reveladores” (SOUTO MAIOR, 2006:51).

Segundo o Centro de Documentação da TV Globo-CEDOC, o banco que reúne textos, fotos e imagens produzidos para os programas da empresa, não há registros consistentes dos filmes dos programas *Amaral Netto*, *o Repórter*.¹¹ Já no site Memória Globo consta que “todo o acervo foi comprado pela Fundação Nacional Pró-Memória, em 1988” (MEMÓRIA GLOBO, 2009) como chegou a ser noticiado naquele ano¹².

Os filmes que sobreviveram ao fechamento da produtora de Amaral encontram-se hoje no Arquivo Nacional. Esse acervo, que compõe o *Fundo Cinemateca do MAM*, foi cedido por um antigo funcionário que resgatou parte do material durante o fechamento da empresa, ainda nos anos 1990. O arquivo do MAM foi posteriormente transferido, em 2002, para o Arquivo Nacional. No próprio Arquivo Nacional, não houve, até o momento, projeto para restauração, duplicação ou telecinagem desse material. Esporadicamente, alguns trechos são telecinados para utilização em documentários. Embora haja um esforço da equipe técnica do Arquivo na preservação desse patrimônio, acondicionado e tratado devidamente, muitos dos filmes se encontram em estado avançado de deterioração, comprometidos pelo avinagramento. O acervo é formado por delicados filmes de acetato que um dia foram resultado de um pioneiro uso de sofisticados equipamentos com som ótico¹³ e são o que resta dos primeiros documentários exibidos na televisão brasileira (em preto & branco e em cores). São metros e metros de filme,

¹¹ Conforme consultas feitas pela autora ao CEDOC-TV Globo, por e-mail, e respondidas por telefone, entre agosto e setembro/2011, na tentativa de acessar materiais relativos ao programa.

¹² *Amaral vendeu arquivo por 6 milhões*. Jornal do Brasil, edição de 09/02/1988.

OBS 1: Segundo o MEMÓRIA GLOBO, a venda foi para a Fundação Nacional Pró Memória. Como esse órgão foi extinto no governo Collor, seu acervo foi incorporado à FUNARTE. Não foi possível, até o momento, rastrear se esses órgãos efetivamente chegaram a possuir algum acervo “vendido” por Amaral, como noticiado em 1988.

OBS 2: No decorrer da pesquisa, foi feito contato pela pesquisadora com o Sr. Roberto Irineu Marinho (filho de Roberto Marinho e presidente das Organizações Globo) o que propiciou uma visita à sede do Memória Globo com o resultado, até agora, do recebimento de documentos escritos, em fevereiro/2013, principalmente cartas e recortes de jornais, que estão sendo analisados.

¹³ O som ótico é capaz de gravar som e imagem simultaneamente. Foi usado pioneiramente por Amaral Netto em seu programa. Cf. MEMÓRIA GLOBO. Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723.GYN0-5273-237449.00.html>, acesso em dez/2012.

centenas de horas de um Brasil filmado nos anos 1970, sob uma ótica da grandiosidade, da necessidade urgente de desenvolvimento, e da necessidade de incitar os brasileiros a tomarem posse desse território.

Não se pode ignorar que o poder que a TV Globo (ainda hoje) representa começou e se consolidou justamente no período da ditadura militar, e em consonância com a política de integração nacional idealizada pelo regime. Mas como já vem demonstrando muitos historiadores contemporâneos como Daniel Aarão Reis Filho, Denise Rollemberg, entre outros, no processo de construção de uma memória coletiva após o término da ditadura militar brasileira, complexidades foram simplificadas pelo senso comum a partir das conciliações, dos esquecimentos e dos enquadramentos de memória. A construção recorrente de memória coletiva em relação ao período acabou dando conta de que o regime militar ‘foi imposto’, o que também vem sendo desconstruído com estudos recentes que demonstram como se deu a construção social desse regime (ROLLEMBERG; QUADRAT, 2010). O papel da televisão como agente histórico também vem sendo melhor compreendido em trabalhos recentes, principalmente na última década (KORNIS, 2011, 2007a, 2007b, 2001; BARACHO, 2007; ROLLEMBERG, 2009; ABDALA JUNIOR, 2012, entre outros). O caso da TV Globo é um bom exemplo de como uma construção de memória institucional pode simplificar sua atuação no contexto da recente ditadura. Para mostrar como a Globo e Roberto Marinho, “não foram subservientes ao regime”, como enfatiza Boni, a relação da televisão com a censura é a primeira a ser invocada como prova (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011). Em seguida, fatalmente, vem a justificativa de que foi na Globo que se abrigaram comunistas como Ferreira Gullar, Dias Gomes, Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho, Mario Lago, Francisco Milani, entre outros identificados com as esquerdas. Segundo Gabriel Priolli, “a Globo foi censurada, sem dúvida, muito censurada como todos os outros meios de comunicação. O que a Globo fez de diferente dos outros meio de comunicação é que a Globo encampou, ela defendeu o regime, ela exaltou o regime em vários

momentos”¹⁴. Dessa forma, ele conclui que a tese da censura imposta à Globo é uma forma de defesa para se explicar perante a sociedade brasileira.

Para Itania Maria Mota Gomes, numa análise do principal produto jornalístico da empresa e em torno do qual foi montada a grade de programação do horário nobre, o *Jornal Nacional*, cuja viabilidade dependia do investimento governamental na tecnologia oferecida pela Embratel, “a Globo manteve o hábito de oferecer tratamento bastante generoso às autoridades governamentais ao mesmo tempo em que não abre mão de sua independência econômica, aquela que lhe garante poderio tecnológico, qualidade de seus produtos e, conseqüentemente, altos índices de audiência” (GOMES, 2010).

A atuação política durante a ditadura e o papel desempenhado pela TV Globo durante o regime só poderão ser melhor compreendidos com a ampliação de pesquisas sobre a censura no período. Isso permitirá balizar em que medida funcionaram os limites impostos tanto pela censura do regime quanto pela autocensura da Globo. Com a Abertura, e com o processo de redemocratização, a Globo passou também a incorporar um discurso de *resistência*, mesmo que o termo não seja usado explicitamente. Não é por acaso que o discurso da Globo para explicar sua atuação durante o regime militar se apoia nesses dois pés: a tentativa de contornar/driblar a censura oficial do regime e o acolhimento profissional de intelectuais de esquerda. Ambos, de fato aconteceram, e a emissora os incorporou ao seu passado mítico. E aí reside um grande desafio para nossa compreensão histórica, porque a emissora que integrava o regime autoritário, cujo proprietário dialogava com generais presidentes, também enfrentava e administrava as dificuldades e restrições impostas pelo DCDP, o Departamento de Censura e Diversões Públicas, além de contar em seus quadros com pessoas não simpáticas ao regime.

Como soe acontecer nos processos de construção de memória, a formação, a reorganização, os rearranjos e enquadramentos de memória fazem parte do processo de construção de uma memória coletiva e mesmo da memória nacional, como já explicou Michael Pollak (POLLAK, 1989). Quando se trata do processo da construção da memória de si mesma,

¹⁴ *Beyond Citizen Kane* Muito além do cidadão Kane). Documentário de Simon Hartog e John Ellis para o Canal 4 da BBC, 1993. Disponível em: <http://video.google.com/videoplay?docid=-1439668035631806019>, acesso em 29/12/2012.

ou na memória construída por seus principais arautos, a TV Globo não encontra lugar para as complexidades de um comportamento, no mínimo, ambivalente que se reconheça como um dos apoiadores do regime militar. Não há zonas cinzentas ou a possibilidade de um “duplo pensar” como proposto por Pierre Laborie (LABORIE, 2009:79-97; 2010:31-44). Amparando-se exclusivamente sobre o enfrentamento à censura e sobre o acolhimento dos intelectuais de esquerda na sua construção de memória, a emissora deixa de fora, convenientemente, os benefícios colhidos a partir de seu alinhamento com o regime. O próprio Roberto Marinho qualificou essa conjuntura como uma “coincidência de ter sido planejada e inaugurada no período 64” (MARINHO *apud* KEHL, 1986). A ambivalência do comportamento da empresa durante o regime militar mostra, no entanto, a complexidade do encontro de formas e vontades que houve entre o estilo empresarial de Roberto Marinho e o estilo de governar dos generais presidentes militares enquanto ela, de fato, também enfrentava a censura e empregava (e até protegia) profissionais identificados com as esquerdas.

O programa de Amaral Netto surge nessa conjuntura. E que era ainda atravessada pelo surgimento de novos recursos tecnológicos de comunicação, num veículo que, assim como o cinema, é um dos fenômenos que revelou enorme potencial de sedução e fascínio, ampliado mais e mais a partir das crescentes inovações no setor. No Brasil, isso se consolidou numa hegemonia da TV Globo nos anos 1970, o que não significa que os outros canais não continuassem competindo e sendo assistidos.

Amaral Netto, o Repórter adaptou-se como uma luva à proposta ‘global’ de integração. Tanto da Globo quanto do regime militar. No caso de nossa pesquisa, como dar conta de tantas nuances (se as havia) do cotidiano humano das relações na (e da) TV Globo? Como compreender, agora à distância, todas as possibilidades daqueles comportamentos? Uma dessas contradições, como percebe Clark, em seu livro autobiográfico, é o que chama de “paradoxos da política brasileira”, apesar, ou por causa dos quais, a Globo “conseguia reunir no mesmo barco um Dias Gomes e um Amaral Neto” e não parar de crescer nos anos 1970 (CLARK; PRIOLLI, 1991:265). Embora construído como um documentário, o que pressupõe alta dose de realismo como estratégia de narrativa, o programa encampava plenamente o melodrama, como

proposto por Ismail Xavier, o gênero que “provê a sociedade de uma pedagogia do certo e do errado que não exige uma explicação racional do mundo”(XAVIER, 2003:93), podendo ser de direita e esquerda, contrária ou favorável ao poder constituído. Pode-se reconhecer isso nos programas *Amaral Netto*, *o Repórter* principalmente na ideia sempre retomada de que ‘o certo’ seria o desbravamento e ocupação imediata do vasto território nacional. O errado, segundo essa perspectiva, seria deixar o território abandonado e inexplorado. Nas produções de *Amaral Netto* havia por vezes também um tom melodramático dado pela sonorização para a sensibilização emocional dos telespectadores. Desde a música título, uma impactante passagem do tema do filme *007-You only live twice*¹⁵, a trilha sonora dos programas já parecia ser uma preocupação da equipe. Sonorizações dramáticas costumava acompanhar as cenas de maior perigo (real ou imaginado/encenado) e a volta triunfante dos desbravadores da natureza. Assim, a participação nas aventuras do repórter *redescobridor* do Brasil oferecia uma identificação e uma sensação de pertencimento ao espectador na grande nação do *milagre brasileiro*, cujas riquezas e potencialidades eram mostradas e compartilhadas na tela da televisão.

A medida da interferência dos militares na veiculação de notícias e de programas na programação da TV Globo passou a ser objeto de interesse de pesquisadores, tanto de jornalistas e de memorialistas quanto de historiadores. *Amaral Netto* é o exemplo que aparece recorrentemente nos discursos sobre a relação da Globo com a censura como uma concessão da TV Globo ao regime em troca de uma suposta maior liberdade de ação em outras áreas da programação como no telejornalismo ou nas novelas. Chega a ser mencionado como *chapa branca* (BIAL, 2004) numa biografia sobre Roberto Marinho chancelada pelo Memória Globo. Mas a mais intrigante questão a ser respondida em relação ao programa é a questão sobre sua longevidade. Afinal, na televisão nada se sustenta tanto tempo, ainda mais num sistema em moldes empresariais tão competitivos quanto os que se estabeleceram com a TV Globo, apenas por pressão. Seja por pressão dos militares (quais? Que grupos de poder?), seja pelo poder pessoal de um único homem (*Amaral?*). E qual é o papel dos telespectadores? E por que, no

¹⁵ Trata-se da música *A drop in the ocean*, de John Barry para o filme da série James Bond - *007, You only live twice*, de 1967, dirigido por Ian Fleming.

final das contas, é Amaral Netto que aparece como único exemplo de moeda de troca sempre que se menciona a pressão dos militares sobre a TV Globo? O problema que se apresenta para a nossa pesquisa é justamente compreender como se sustentou a retórica do deputado-jornalista pelos 15 anos que durou o programa na TV Globo, levando em conta o alegado repúdio da cúpula da Globo (CLARK; PRIOLLI, 1991), a suposta antipatia de militares (FICO, 1997:137), e o asco ao programa construído por uma memória da *resistência cultural*?

De acordo com os dados do IBOPE, o programa começou a ser exibido aos domingos à noite, às 23:00h, horário considerado pouco nobre, com poucos anúncios. Passou para os sábados à noite, no mesmo horário, justamente durante no período do maior ufanismo, e da maior repressão, no governo Médici, de 1971 a 1973. Só de 1974 a 1977, durante o governo Geisel, que inicia o processo de Abertura, o programa passou a ocupar o nobilíssimo horário pós-novela das oito, às segundas-feiras. É nesse dia e horário que o programa atinge seus maiores índices de audiência, figurando, inclusive, muitas vezes, entre os programas que marcavam mais de 20 pontos. E é só durante a Abertura, entre 1978 e 1980, que o programa volta para os domingos, tarde da noite, após os *Concertos Internacionais* que vinham depois do popular programa *Fantástico*. Mesmo assim, consegue pontuar entre aqueles que alcançam índice superior a 20, como na semana de 03 a 09/07/1978, quando alcança 23.3 pontos no horário das 23:00 às 24:00 horas. A título de comparação, os então populares programas *Flavio Cavalcanti*, na TV Tupi, e *Chacrinha*, na própria TV Globo, pontuavam também aos domingos, cerca de 21 pontos. E considerando o número de aparelhos ligados usualmente aos domingos à noite no horário de *Amaral Netto*, o *Repórter*, verifica-se que o percentual ligado na TV Globo ainda é consideravelmente superior a qualquer outra oferta dos canais concorrentes.¹⁶ Ou seja, havia um público expressivo para o programa.

Em sua parcialidade, o programa expunha sua franca identificação com os valores representados pelo regime. Os filmes tinham como denominador comum a otimista apresentação das soluções encontradas por setores da sociedade e pelo governo no sentido do desenvolvimento

¹⁶ Fundo IBOPE, no Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, SP. Consultado de 16 a 19/10/2012.

e da construção de um *novo Brasil*. Um *Brasil grande*, feito por brasileiros para brasileiros, como Amaral gostava de enfatizar. Além disso, é muito difícil desvincular a pessoa do jornalista e político Amaral Netto do programa *Amaral Netto, o Repórter*. Embora tivessem roteiros e extensas pesquisas prévias, a atuação e improvisação de Amaral pautavam intensamente as reportagens. Não chega a causar surpresa vê-lo incluir eventuais comentários sobre sua atuação como deputado ou, espontaneamente, comparar ou elogiar as realizações do governo federal, dos militares, dos empresários, ou de setores em cujas práticas identificasse um movimento no sentido do desenvolvimento do país.

Ainda há muitas perguntas sem respostas quando se começa a estudar o período e os comportamentos durante a ditadura brasileira de 1964 a 1983. Denominá-la civil-militar parece resolver parte do incômodo problema frente à materialidade histórica que demonstra tão significativa adesão ao projeto autoritário. A *resistência* da sociedade brasileira ao golpe e à ditadura, se não foi inexistente, também não pode ser considerada nem tão expressiva nem tão eficiente quanto a que se consolidou no imaginário do pós-guerra em relação à França. E muito menos tão disseminada e incorporada na sociedade brasileira quanto a memória que dela se construiu no período da redemocratização.

A historiografia brasileira também vem revisitando o conceito, principalmente os trabalhos de Daniel Aarão Reis e de Denise Rollemberg. Aarão Reis já mostrou como, no auge da crise política que resultou no golpe civil-militar que depôs João Goulart da presidência, “as esquerdas não ofereceram resistência, quedando-se aparvalhadas, desmoralizadas” (AARÃO REIS, 2000). Rollemberg já mostrou como a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e a ABI (Associação Brasileira de Imprensa), entidades que construíram toda uma memória de resistência e luta contra as arbitrariedades do regime, foram efetivamente condescendentes e apoiadoras do regime, - pelo menos até 1974 -, quando o regime iniciou o projeto da Abertura (ROLLEMBERG, 2008:57-80; 2010:97-144). Nesse sentido, trata-se de tentar compreender como as sociedades constroem seus regimes autoritários. *A construção social dos regimes autoritários*, coleção organizada por Denise Rollemberg e Samantha Viz Quadrat é uma mostra de trabalhos que dá conta da sustentação social ao regime autoritário brasileiro, não como uma

exceção, mas como um fenômeno observado em outros tempos e espaços. Há trabalhos sobre a produção de consentimentos político-partidários, sobre a participação de artistas, sobre o envolvimento da grande imprensa, o de empresários, sobre o apoio da Igreja, toda uma historiografia que mostra que são “os valores e as referências, as culturas políticas que marcam as escolhas, sinalizando relações de identidade e consentimento, criando consensos, ainda que com o autoritarismo” (ROLLEMBERG; QUADRAT, 2010).

O historiador Carlos Fico também já analisou a relação de pessoas comuns com a Divisão de Censura de Diversões Públicas, durante o regime militar brasileiro, através de documentos administrativos e das cartas enviadas por essas pessoas, demonstrando que a censura da *moral e bons costumes* “dizia respeito a antigas e renovadas preocupações de ordem moral, muito especialmente vinculadas às classes médias urbanas” (FICO, 2002). Janaína Martins Cordeiro mostrou a relevância do papel das mulheres da *Campanha da Mulher pela Democracia - CAMDE* na organização das *Marchas pela Família e pela Democracia* promovidas em apoio, antes e depois do golpe (CORDEIRO, 2009). E também a construção do consenso social em torno da ditadura brasileira após o golpe, observando que, embora mutável, plural e diversificado, um consenso foi rapidamente alcançado, como mostram as festas cívicas em comemoração aos *150 anos da Independência do Brasil*, ocorridas entre abril e setembro/1972 (CORDEIRO, 2012).

Pessoas comuns, homens, mulheres, crianças, de todas as idades e classes sociais, como mostram os dados do IBOPE, eram os telespectadores do programa *Amaral Netto, o Repórter*. Um público ao qual o programa, em tese, não era imposto. Havia outras opções em outros canais, além do botão liga/desliga. Os dados do IBOPE, em diferentes anos, estados, dias e horários de exibição, mostram a expressiva preferência pela TV Globo no horário do programa de *Amaral Netto*. Isso é um dado que não pode ser ignorado. E leva à conjectura possível de que o programa se sustentava também no ar por força da identificação de uma grande parcela da sociedade, em alguma medida, ou com a estética do produto, ou com o teor das mensagens. Ou com ambos.

Referências Bibliográficas

- AARÃO REIS, Daniel. Ditadura militar no Brasil: uma incômoda memória. In: *Ditadura militar, esquerdas e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ABDALA JUNIOR, Roberto. Brasil anos 1990: teleficação e ditadura-entre memórias e história. In: *Topoi*, v. 13, n. 25, jul./dez. 2012, p. 94-111.
- ANDRADE, Thales Haddad Novaes de. *Ecológicas manhãs de sábado, o espetáculo da natureza na televisão brasileira*. Tese de doutorado em Sociologia, apresentada ao IFCH da Universidade de Campinas - Unicamp, Campinas, 1998.
- ASSIS, Denise. *Propaganda e cinema: a serviço do golpe, 1962-1964*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2001.
- BARACHO, Maria Luiza Gonçalves. Televisão Brasileira: uma (re)visão. In: *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais*. Abril / Maio/ Junho de 2007 Vol. 4 Ano IV nº 2. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/ARTIGO.4.SECAO.LIVRE-MARIA.LUIZA.BARACHO.pdf>, acesso em 02/01/2013.
- BEYOND CITIZEN KANE (Muito além do cidadão Kane). Documentário de Simon Hartog e John Ellis para o Canal 4 da BBC, 1993. Disponível em: <http://video.google.com/videoplay?docid=-1439668035631806019>, acesso em 29/12/2012.
- BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- CÂMARA, Dora. O Ibope e o negócio da televisão. In: SILVA JUNIOR, Gonçalo. *Pais da TV: a história da televisão brasileira contada por*. São Paulo: Conrad Livros, 2001. p. 102-123.
- CAPOANO, Edson. *Globo Repórter: imagens veladas da natureza*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica - Semiótica da Cultura e da Mídia, (153 p.), apresentada à PUC/SP, São Paulo, 2006.
- CARVALHO, Elisabeth; KEHL, Maria Rita; RIBEIRO, Santusa Naves. Televisão. In: *Coleção Anos 70. 5- TV*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980, 7v.
- CLARK, Walter; PRIOLLI, Gabriel. *O campeão de audiência*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991.
- CORDEIRO, Janaina Martins. *Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972)*. Tese de doutorado em História, (333f.), UFF, Niterói, 2012.
- _____. *Direitas em movimento-A Campanha da Mulher pela democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- FERREIRA, Paulo Cesar. *Pilares via satélite. Da radio Nacional à rede Globo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FICO, Carlos. Prezada Censura. In: *Topoi*, n. 5, v. 3, UFRJ, julho-dezembro, 2002.
- _____. *Reinventando o otimismo. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.
- GOMES, Itania Maria Mota. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar. In: *Revista FAMECOS - Dossiê Ditadura*. Porto Alegre, v.17, n.2, p.5-14, maio/agosto 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/7537/5402>, acesso em jan/2013.
- HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê! Editora, 1987.

KEHL, Maria Rita. Eu vi um Brasil na TV. In: SIMÕES, Inimá F; COSTA, Alcir Henrique da; KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1986.

_____. Um só povo, uma só cabeça, uma só nação. In: CARVALHO, Elisabeth; KEHL, Maria Rita; RIBEIRO, Santusa Naves. *Televisão*. In: Coleção *Anos 70*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980, 7v.

KORNIS, Monica Almeida. Linha Direta Justiça e a reconstrução do regime militar brasileiro, ou quando o “fazer justiça” cria uma memória da história. In: BORGES, Gabriela; PUCCI JR., Renato L.; SELIGMAN, Flavia (Orgs.), *Televisão: formas audiovisuais de ficção e de documentário*. Faro e São Paulo, CIAC/Universidade do Algarve e Socine, 2011. Disponível em: <http://www.ciac.pt/publications.php?i=7> , acesso em 25/01/2013.

_____. *Televisão, história e sociedade: trajetórias de pesquisa*. I Encontro Nacional Obitel - a pesquisa da ficção televisiva no Brasil, organizado pelo Núcleo de Pesquisa de telenovela da ECA-USP e o programa Globo Universidade, São Paulo, 26-28/11/ 2007a. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1743.pdf , acesso em ago/2010.

_____. Ficção televisiva e identidade nacional: o caso da Rede Globo. In: CAPELATTI, Maria Helena. MORETTIN, Eduardo. NAPOLITANO, Marcos. SALIBA, Elias Thomé. *História e Cinema*. São Paulo: USP – Editora Alameda, 2007b.

_____. *Uma memória da história nacional recente: As minisséries da Rede Globo*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS, Setembro/2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP14KORNIS.PDF> , acesso em jan/2013.

LABORIE , Pierre. 1940-1944. Os franceses do pensar-duplo. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários*. Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 31-44.

_____. Memória e Opinião. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz. *Cultura Política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. p. 79-97.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237449,00.html> , acessos em dez/2009, em 2012, em 2013.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio. *O livro do Boni*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

OLIVEIRA SOBRINHO. José Bonifácio. (Superv.). *50 anos de TV no Brasil*. São Paulo: Ed.Globo, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

ROLLEMBERG, Denise. Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem Amado de Dias Gomes. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz. *Cultura Política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009. p. 377-397.

_____. Definir o conceito de resistência: dilemas, reflexões, possibilidades. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. (Orgs.). *História e Memória de ditaduras*. Brasil, América Latina e Europa. Rio de Janeiro: Editora FGV, (no prelo).

_____. *As trincheiras da memória. A Associação Brasileira de imprensa e a ditadura (1964-1974)*. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010. p. 97-144

_____; QUADRAT, Samantha Viz (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. Memória, opinião e cultura política: a Ordem dos Advogados do Brasil sob a ditadura: 1964-74. In: AARÃO REIS, Daniel; ROLLAND, Denis. *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008. p. 57-80

SILVA JUNIOR, Gonçalo. *Pais da TV: a história da televisão brasileira contada por*. São Paulo: Conrad Livros, 2001.

SILVA, Silvana Louzada. *Fotojornalismo em revista: o fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete durante os governos Juscelino Kubitschek e João Goulart*. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Niterói: UFF, 2004.

SOUTO MAIOR, Marcel. *Almanaque da TV Globo*. São Paulo: Globo, 2006.

WALLACH, Joe. *Meu capítulo na TV Globo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2011.

XAVIER, Ismail. *O olhar e a cena*. Cosac&Naify. São Paulo, 2003.